Lúcia, é pra ti, meu bem, minha mãe.

Entre bêbados

Tarde morna, céu claro, limpo.
Eles e elas, separados em diferentes casas, recolhidos em dia de folga anseiam pela procrastinação.
Roupas penduradas em varal, cheiro de amaciante, plantas sendo regadas.
Na cozinha, o tilintar do vidro, as panelas chiando, o aroma de cebola e alho.
No quintal e nas calçadas do bairro, a mangueira e o pé de jambo, dançarinos sincronizados balançam com a nesca de vento quente.
Motos poluem o som, viajando rápidas na rua. Gatos solitários passeam pelos muros.
Cheiro de cigarro no vizinho ao lado, fumaça de churrasco e brega tocando baixinho.
A ceia do meio dia é servida.
Esfomeados, mal humorados, alcoolizados, mastigam com vontade a farofa, a carne, o arroz e feijão.
E tudo se aquieta.
Após saciados, sonolentos vão em busca do silêncio.
Respiram.
Cochilo no sofá da sala, suor escorrendo pelo pescoço.
Garrafas de vidro caidas no chão, um cachorro caramelo dormindo profundamente ao lado do encosto.
Pés levantados pra cima.
O peito levanta e abaixa conforme o ar entra pelos pulmões.
Todos dormem.
No meio disso,
Uma mulher geme silenciosa, o homem ao lado sussurra.
O orgasmo do sexo da tarde.
Amy Whinehouse canta, a mulher murmura.
Ventiladores lutam com motores gastos, uma rede balança, os pratos acumulados na pia.
Moscas ziguezagueam no ar, bem-te-vis chegam desconfiados, insetos perambulam secretamente entre galhos nas plantas.
A música entoa,
O gozo passa,
O sono acaba,
A cerveja esquenta.
Em pleno domingo morno.

Nenhuma mulher

Por um momento senti falta dela. Foi bem rápido.
Me permito lembrar agora.
Nosso encontro foi comum, como o de todo casal, mas estava fadado a não acontecer. Eu estava triste naquele dia sendo honesto, mas estar com ela me fez bem. Fomos a uma praça próxima à um parque aquático, onde caminhamos a pé, conversamos sobre nossos principais gostos, antigos relacionamentos, além de comentar um pouco sobre a vida. O tempo foi passando rápido para nossa impressão, não reclamamos de todo modo, a noite nos engolia, pouco a pouco. Decidimos lanchar algo, eu pedi uma panqueca de queijo e ela, um salgado de presunto chamado jacaré, dividimos uma vitamina. Enquanto comíamos, falamos sobre trabalho, viagens e lugares, era engraçado, pois parecia que nos conheciamos há tempos. Fiquei observando-a enquanto comia, lhe disse que gostava de ver o pôr do sol, e animada ela puxa o celular para me mostrar uma foto que tirara na estrada, quando retornava de uma viagem de outra cidade, coisa de trabalho. O pôr do sol era comum como o de todos os dias, mas era o registro dela, feito por ela. Agradeci por esse gesto e elogiei sua foto. Não queria impressionar ninguém, mas ela se surpreendia a cada vez que eu comentava sobre algo que gostava ou conhecia, e me dizia "Você é incrível". De algum modo aquilo me incomodara. "Você que é incrível", pensei quando ouvi. Os olhos saltados, o riso estranho, a forma descontraída como falava da própria vida, não ligando para o que eu fosse dizer, e como lidava com as dificuldades mesmo sendo tão jovem. Eu olhei seu cabelo, o aparelho dos seus dentes, o pelo das pernas, os esmaltes nas unhas e o cordão que usava. Ela é linda, pensei e confirmei comigo mesmo. No fim de nosso passeio, dentro do carro antes de sairmos, me pergunta se pode me beijar, eu olho nos seus olhos e digo que sim. E assim, nos beijamos pela primeira vez. Minhas mãos ficaram paralizadas no colo, já as suas passearam pelo meu cabelo, escorregaram pela nuca, ombros e pousaram nos meus braços. Por algum estímulo, minhas mãos tocam o seu rosto pequeno e faço carinho no seu cabelo. Ela beija meu rosto. Eu rio, mas com tristeza, me recordando de beijos passados. Tomado pela melancolia me afasto e digo que está tarde, é hora de irmos, dando um último beijo em seus lábios. A caminho de casa, ela me pergunta se pode ouvir alguma música, eu aceito e conecto meu celular no rádio do carro. A música começa, seus olhos de repente se arregalam e ela afirma eufórica, "é a primeira vez que conheço alguém que também escuta essa música", eu rio e respondo, "vamos aproveitar o momento e ouvi-la". Ela cantarola feliz, os dedos tamborilando nas pernas enquanto olho pela janela e vejo o borrão das árvores ao passarmos rápido pelas ruas. Já na sua casa, ela diz ter gostado de mim, eu fico em silêncio sem reagir, olho bem seus olhos pretos e agradeço com sinceridade pela companhia, lhe dando um beijo tímido na bochecha. Ela por fim se despede com um tchau ao fechar o portão e me assiste partir. A caminho da minha própria casa recoloco a música, abro as janelas e sinto o vento frio da noite. Quando o sinal fecha, olho os meus olhos no reflexo do espelho, cansados e um pouco inchados. "Eu não irei mudar sua vida", pensei, "sinto muito." Não me recordo do que aconteceu depois quando finalmente cheguei.

Mas hoje lembrei desse encontro.
Não respondi sua mensagem aquele dia. Apesar de sentir sua falta agora.
Assim como a letra da música que ela gosta, não estou pronto para transformar a vida de nenhuma mulher.

Casal

De repente ele começou a sambar bonito, levantou da cadeira e girando os pés vai até o centro do pátio. Nem lembro mais da música que tocava.
E olhou pra mim, quase sorrindo. Eu sorrio acenando a cabeça e levanto meu copo meio cheio. Sinto os lábios amargos de cerveja, a língua dormente.
Usava uma camisa pólo listrada, de cor roxa, uma bermuda desgastada e sapatos. A barriga proeminente, os cabelos brancos, o rosto enrugado.
Me pareceu feliz e livre.
Me pergunta, "Onde está o teu par?"
Eu respondo, "Não tenho par, meu bem".
Em ritmo reduzido, encolhe os ombros e imita uma cara triste, acena com as mãos e balança a cabeça. "Eu também não minha jovem, minha rosa se perdeu em um samba da bar". E dança.
Assisto aquele balé desengonçado, até cessar a admiração temporária.
Me retiro tímida, caminhando com pés trôpegos, coregrafando um samba sem nome.
Lembrei de uma canção de Cartola, e recito baixinho, como que pra dentro do peito,
"Queixo me as rosas
que bobagem as rosas não falam
simplesmente as rosas exalam
o perfume que roubou de ti".
Suspiro e sigo.

Casal

De repente ele começou a sambar bonito, levantou da cadeira e girando os pés vai até o centro do pátio. Nem lembro mais da música que tocava.
E olhou pra mim, quase sorrindo. Eu sorrio acenando a cabeça e levanto meu copo meio cheio. Sinto os lábios amargos de cerveja, a língua dormente.
Usava uma camisa pólo listrada, de cor roxa, uma bermuda desgastada e sapatos. A barriga proeminente, os cabelos brancos, o rosto enrugado.
Me pareceu feliz e livre.
Me pergunta, "onde está o teu par?"
Eu respondo, "Não tenho par, meu bem".
Em ritmo reduzido, encolhe os ombros e imita uma cara triste, acena com as mãos e balança a cabeça. "Eu também não minha jovem, minha rosa se perdeu em um samba da bar". E dança.
Assisto aquele balé desengonçado, até cessar a admiração temporária.
Me retiro tímida, caminhando com pés trôpegos, coregrafando um samba sem nome.
Lembrei de uma canção de Cartola, e recito baixinho, como que pra dentro do peito,
"Queixo me as rosas
que bobagem as rosas não falam
simplesmente as rosas exalam
o perfume que roubou de ti".
Suspiro e sigo.

Notas de observação

Carros velozes, quebra molas tortos, luzes alaranjadas de postes nas avenidas refletindo no asfalto à noite, calçadas aos pedaços tombam pedestres, ciclovias estreitas, ciclistas pedalando aos pares, um vai e vem danado de pessoas, farmácias aos montes distribuindo remédios como se fossem balas em dia de São Cosme e Damião. Moradores de rua conversam livremente entre si, limpando copos, coçando os pés, lavando os rostos. Cachorros perambulam, felizes sem temer a realidade. O hospital parece uma casa de show, aberta 24 horas, com acesso livre, a música é a sirene e o público são os malfadados doentes e acidentados, a lanchonete ao lado é o bar, com salgados fritos, respingando óleo e refrigerantes quentes. Enquanto isso, os bares de verdade começam a abrir, os primeiros clientes à espera, a primeira dose é servida, igrejas católicas entoam salmos, centros espíritas iniciam seus encontros, está na moda, ser crente-não-convencional. O mundo está acabando, eles afirmam, precisamos ser salvos. Um casal de flautistas toca enquanto um grupo de religiosos prepara o palco para uma apresentação no meio da praça, um senhor de idade caminha ao lado de um poodle, engraçado, não é um Pinscher, hoje todos tem um Pinscher, ou um Golden Retriever, antes eram os Labradores. Passarinhos vocalizam nos poucos buritis espalhados, Psi Psi Psi, é o que se escuta, a água que jorra da fonte abafa o som emitido. O céu vai ganhando um tom laranja, quase avermelhado, o sol quase em tom de covardia, se despede, e a lua já posta, marca ponto afirmando, "o dia está acabando". Postos de gasolina, conveniências, salgadinhos e energéticos superfaturados, enquanto ambulantes vendem água a cinco reais, dindim de maracujá, cupuaçu, côco, chocolate, e leite condensado, todos pelo preço de dois reais. Açaí nos quiosques, pizzas oleosas, tacacá com jambu. Uma planta da família Atereaceae. Esse nome lembra estrela. Estelar, céu. Um letreiro no estádio ao lado escrito "Estádio Canarinho". Bancos de plástico amarelos, paralelepípedos encaixados harmoniosamente, árvores dispersas em pontoações, a rua lisa, dá até gosto de pedalar e ouvir o ruído do pneu deslizando. Alguém me disse que gostava de escutar. Janelas de vidro refletem o por do sol mas já tá escurecendo. Barracas de lanchonete começam a preparar comida no estacionamento, toucas brancas e pretas, aventais surrados, suco de maracujá e morango sendo batido no liquidificador, a mesa de plástico coberta com lona azul, uma placa fluorescente com preços de cachorro quente.

Piscam-se os olhos, a mente fecha e quando volta, parece que o tempo pára em um milissegundo. Um ônibus passa, pessoas saem, pessoas entram. Ele parte. Eu também.